



OS NÚMEROS DA CRISE SÃO ESMAGADORES

CONSTRUÇÃO À BEIRA DO COLAPSO

Há mais de uma década que a Construção está em queda, numa crise prolongada e profunda que se precipitou, de forma descontrolada, ao longo do último ano.

Os números que se apresentam em seguida são o espelho dessa realidade dramática.

Está em causa a sobrevivência de um setor que, na generalidade dos países da OCDE, é responsável por mais de 50% do investimento e que é consensualmente considerado um verdadeiro motor do crescimento e do dinamismo de qualquer economia.

Valor da Produção da Construção
Preços Constantes

	2000(E) (M €)	2012(P) (M €)	Variação 2012 / 2000		Na última década: A produção do Setor cai para metade A construção de habitação cai dois terços
			Valor (M €)	(%)	
Edifícios Residenciais	8.971,8	2.657,4	-6.404,4	-71,4	
Edifícios Não Residenciais	3.252,3	2.637,0	-715,3	-21,3	
Engenharia Civil	6.411,9	4.953,3	-1.458,6	-22,7	
Total do Setor	18.736,0	10.157,7	-8.578,3	-45,8	

Fonte: FEPICOP (E) Estimativa (P) Previsão

Como se pode observar nos quadros seguintes, a deterioração da situação do setor agravou-se de forma significativa no passado mais recente, com fortes repercussões a todos os níveis e originando uma expressiva **destruição** da capacidade produtiva instalada e do emprego.

Da análise da realidade é possível identificar 3 crises distintas que vêm convergindo para uma situação insustentável que ameaça tornar-se explosiva. Estamos assim confrontados com uma **crise de mercado**, com quedas excecionais dos níveis de procura, com uma **crise estrutural do tecido empresarial**, com destruição descontrolada de empresas e de emprego e com uma **crise financeira**, onde um setor fortemente endividado se confronta com uma quase total ausência de financiamento.

1) A CRISE DE MERCADO

A crise de mercado atinge os três principais segmentos da Construção, em resultado de quebras simultâneas na procura das famílias, das empresas e do Estado, num contexto de falta de confiança generalizada dos agentes económicos na evolução da economia portuguesa.

		Média 2009/2010	2012 (1)	Variação 2012 / (2009/2010)		Habitação: · Procura cai 50% em 2 anos · Stocks para venda disparam
				Núm/valor	(%)	
RESIDENCIAL	Nº de fogos licenciados	25.874	11.706	-14.168	-54,8	
	Novos Créditos para aquisição de habitação Valor mensal (M €)	854,5	148,5	-706,0	-82,6	

NÃO RESIDENCIAL	M2 licenciados Total	3.301.092	1.730.112	-1.570.980	-47,6	Investimento no Não Residencial: · cai 50% no total e no turismo · cai 60% no comércio
	M2 licenciados Turismo	300.764	154.483	-146.280	-48,6	
	M2 licenciados Comércio	689.895	270.250	-419.645	-60,8	
	M2 licenciados Uso Geral	836.714	382.659	-454.055	-54,3	

Fontes: FEPICOP, INE, Banco de Portugal

(1) No caso das licenças: previsão anual com base na evolução até março de 2012,
No caso dos novos créditos, média dos valores observados nos dois primeiros meses de 2012

- As previsões para 2012 relativas ao licenciamento residencial apontam para uma redução de 14 mil novos fogos (-54,8%), face à média observada em 2009/2010;
- A evolução do novo crédito concedido para aquisição de habitação revela uma quebra drástica, superior a 700 milhões de euros/mês (-83%), com o volume de crédito concedido a reduzir-se dos 855 milhões/mês em 2009/2010 para apenas 150 milhões/mês, nos meses iniciais de 2012.

A procura de habitação cai 50% em 2 anos, enquanto os stocks de habitação para venda disparam no mercado e provocam um enorme aumento do crédito mal parado na banca.

- O investimento em edifícios não residenciais, tendo como referência o número de m² licenciados por destino do edifício, evidencia uma quebra próxima dos 50% em 2012,

menos 1,6 milhões de m² em construção, o que, em termos monetários, poderá traduzir uma quebra anual de produção de cerca de 400 milhões de euros.

Em 2 anos, o investimento em edifícios não residenciais cai 50%, com destaque para o turismo (50%) e áreas comerciais (60%)

		Per. Ref.	Valor	2012 (P)	Variação 2012 / (período ref.)		Investimento Público agrava a crise e atinge mínimos históricos: . cai 43,5% . apenas 816 M€ de novas obras em 2012
					Valor	(%)	
ENGENHARIA CIVIL	Investimento Público (M€)	2010	6.216,1	3.509,5	-2.706,6	-43,5	
	Promoções Obras Eng. Civil (M€)	2008	2.548,3	815,8	-1.732,53	-68,0	
	Adjudicações Obras Eng. Civil (M€)	2001	2.401,7	1.641,4	-760,34	-31,7	

Fontes: FEPICOP, Avaliação intercalar da Troika (abril 2012), Boletim de Informações

(P) Previsão – no caso do investimento, as previsões resultam dos valores constantes do documento de avaliação da “troika”; no caso das promoções e adjudicações de obras públicas, as previsões resultam das variações homólogas observadas até final de abril de 2012

Nota: os períodos de referência das promoções e adjudicações de obras públicas coincidem com os anos em que foram atingidos os respetivos valores máximos observados no período 2001 a 2011

Tendo por base o documento de avaliação sobre a economia portuguesa elaborado pela “troika” (FMI, BCE, CE) em abril de 2012, o investimento público registará uma quebra muito intensa em 2012 (cerca de -21,9%), que, acumulada à redução de 29% observada em 2011, colocará o montante de investimento público previsto para 2012 em mínimos históricos.

Investimento Público atinge mínimos históricos em 2012 e acentua a crise económica vivida no nosso país

Também a informação relativa ao mercado de obras públicas, disponível para os primeiros 4 meses do ano, aponta para quebras muito intensas tanto nas promoções de novas obras, como na adjudicação de trabalhos de engenharia civil.

Em 2012 prevê-se um montante de promoções de concursos de obras de engenharia civil de apenas 816 milhões de euros, quando, em 2008, se atingiram 2,5 mil milhões de euros (uma quebra de 68%).

2) A CRISE ESTRUTURAL DO TECIDO EMPRESARIAL

		Média 2009/2010	2012(P)	Variação 2012 / (2009/2010)		Em 2 anos: Destruição massiva de competências na Construção: . menos 112 mil empregos . duplicação do nº de insolvências
				Núm/Valor	(%)	
Destruição das capacidades	Insolvências de empresas (nº)	749	1.440	691	92,3	
	Emprego da Construção (mil)	494,0	381,7	-112,3	-22,7	
	Desempregados da Construção (mil)	67,0	97,3	30,3	45,2	
	Consumo de cimento (mil ton)	5.596,3	3.659,9	-1.936,4	-34,6	

Fontes: FEPICOP, Instituto Informador Comercial, INE, IEFP, ATIC

(P) Previsão – no caso das insolvências, a previsão resulta da variação homóloga verificada até 30 de maio de 2012; no caso do emprego, a previsão resulta da variação homóloga do nº de empregados da construção observada no 1º trimestre de 2012; no caso do número de desempregados, a previsão resulta da variação homóloga observada até abril de 2012 no nº de desempregados da construção e, no caso do cimento, a previsão resulta da variação homóloga observada até abril de 2012

Nos dois últimos anos, verificou-se uma intensa destruição da capacidade produtiva e das competências do setor da Construção, com o número de insolvências de empresas a duplicar, arrastando um número crescente de trabalhadores para o desemprego, com os inevitáveis efeitos sociais daí decorrentes.

De 67 mil desempregados da Construção em 2009/2010, o número disparou para perto dos 100 mil em abril de 2012, podendo ultrapassar os 200 mil até ao final do ano

A quebra na produção do Setor, também visível pela forte redução verificada no consumo de materiais, como é o caso do cimento que diminuiu o consumo em cerca de 1,9 milhões de toneladas/ano, tem como efeito imediato a destruição de muitos postos de trabalho diretos e indiretos e o desaparecimento de muitas das competências da engenharia portuguesa.

Segundo o inquérito ao Emprego do INE, foram perdidos mais de 110 mil postos de trabalho no setor da Construção, ao longo dos dois últimos anos

3) A CRISE FINANCEIRA

		Média 2009/2010	2012 (Jan/Fev)	Variação 2012 / (2009/2010)		Setor fortemente endividado enfrenta corte violento no crédito
				Valor	(%)	
Estrangulamento financeiro do setor	Endividamento total do setor da Construção (M €)	-	43.994,0	-	-	
	Dívida do setor da Construção ao setor financeiro residente (M €)	-	25.096,0	-	-	
	Empréstimo a empresas de construção Saldos de fim de período (M €]	25.127,5	23.033,0	-2.094,5	-8,3	
	- de cobrança duvidosa (M €)	1.563,5	2.957,0	1.393,5	89,1	
	Novos empréstimos para aquisição de habitação (M €)	854,50	148,50	-706,00	-82,6	

Fonte: Banco de Portugal

Durante décadas, o setor da Construção funcionou como principal agente financiador de grande parte das obras realizadas no nosso país, desde os edifícios até às infraestruturas, garantindo junto da Banca os meios financeiros necessários, mas quantas vezes não disponibilizados atempadamente pelos donos de obra, para a realização dos trabalhos necessários.

Durante um longo período de tempo e até ao eclodir da atual crise financeira, o financiamento da atividade foi garantido junto da Banca, de uma forma relativamente fácil e com custos reduzidos. Como resultado, o Setor endividou-se e aumentou a sua exposição à crise.

Setor da Construção está fortemente endividado (44 mil milhões de euros, no início de 2012) dos quais 25 mil milhões constituem a dívida ao sistema financeiro. Ao mesmo tempo, a contração do crédito atinge os 2,1 mil milhões de euros no início de 2012 face ao período 2009/2010, colocando problemas acrescidos de tesouraria que podem comprometer empresas economicamente viáveis.

Simultaneamente, o crédito concedido às famílias para aquisição de habitação cai a pique (em 2012, -706 milhões de euros/mês, quando comparado com a realidade de há 2 anos atrás).

Crédito concedido às famílias para aquisição de habitação cai 83% em 2 anos

4) CONCLUSÃO

Os números da crise são esmagadores: a construção está à beira do colapso.

Um colapso que a verificar-se:

- Não deixará de arrastar diretamente na queda o sistema bancário e, indiretamente, o conjunto das outras atividades económicas, obrigando eventualmente a um novo plano de resgate. De facto, a Construção representa um risco sistémico para a banca, tendo em conta o nível de endividamento do Setor e o facto de, em conjunto com o imobiliário, representar cerca de 1/3 do total do crédito concedido às empresas;
- Contribuirá para acentuar o clima de instabilidade, podendo pôr em causa a coesão social. Efetivamente, tendo em conta o nível atual de desemprego e as características e perfil pouco qualificado dos trabalhadores do Setor, existe a convicção de que o país não dispõe de estruturas para integrar e reconverter mais 100 mil desempregados da Construção;
- Significa a destruição das competências e dos recursos, acumulados ao longo de décadas, de uma atividade estratégica para qualquer processo de crescimento sustentado.

Mas o colapso não é inevitável.

É necessária uma nova política e um programa de emergência que, por um lado, promova o investimento e, por outro, contribua para desendividar e reestruturar a dívida das empresas de construção.